

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**ALINE RICARDO SOUZA**

**A INSERÇÃO DA MÚSICA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM NOVO  
CONCEITO SOBRE O ENSINO DA ARTE**

**CRICIÚMA**

**2011**

**ALINE RICARDO SOUZA**

**A INSERÇÃO DA MÚSICA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM  
NOVO CONCEITO SOBRE O ENSINO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do grau de  
licenciada no curso de Artes Visuais da  
Universidade do Extremo Sul Catarinense,  
UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Édina Regina  
Baumer.

**CRICIÚMA**

**2011**

**ALINE RICARDO SOUZA**

**A INSERÇÃO DA MÚSICA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM  
NOVO CONCEITO SOBRE O ENSINO DA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
aprovado pela Banca Examinadora para  
obtenção do Grau de licenciada no Curso  
de Artes Visuais - Licenciatura da  
Universidade do Extremo Sul Catarinense,  
UNESC, com Linha de Pesquisa em  
Educação e Arte.

Criciúma, 29 de novembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutoranda (UNISUL)

Prof. Cristiano Canabarro Forte – Especialista (CENSUPEG)

***Dedico esta conquista aos meus pais, irmão e namorado que sempre se fizeram presentes nesta caminhada. Também à professora e amiga Jussara Guimarães, que me deixou tantos ensinamentos sobre a vida.***

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, que não deixou-me desistir diante de meus tropeços.*

*Mãe, Pai, Wesley e Walter que sempre me apoiaram diante de minhas decisões e me deram asas para voar e chegar até aqui.*

*Aos professores e amigos que durante estes anos estiveram comigo.*

*A mestre e orientadora,*

*Édina Regina Baumer, que possibilitou que este sonho se tornasse possível.*

**“Houve e há, apesar das desordens que a civilização traz, pequenos povos encantadores que aprendem música tão naturalmente como se aprende a respirar. O seu conservatório é o ritmo eterno do mar, o vento nas folhas e mil ruídos que escutam com atenção, sem jamais terem lido despóticos tratados.”**

Claude Debussy

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar e compreender o que pensam os alunos sobre o ensino de música, considerando a Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, que marca um *novo início* da relação música e escola. O estudo parte da seguinte problematização: *O que esperam os alunos do ensino da música nas aulas de arte?* Para resolver o problema, realizamos uma pesquisa de campo com 41 alunos de duas turmas de 8ª séries da Escola de Educação Básica Municipal Vicente Guollo, da Rede Municipal de Ensino de Morro da Fumaça. Os dados coletados foram analisados dentro de uma perspectiva qualitativa e fundamentados a partir de um referencial teórico que trata do ensino da arte e da música, considerando especialmente os documentos norteadores da educação brasileira. A pesquisa revelou que os alunos das séries finais do ensino fundamental esperam entrar em contato com a música por meio de diversas formas, no entanto, a mediação do professor de Arte pode despertar entre eles novos interesses. Pode-se concluir, a partir deste estudo, que a música é importante na escola e que várias são as possibilidades de desenvolvermos essa linguagem da arte.

**Palavras-chave: Ensino de Arte. Música. Educação.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**GAP** – Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música

**PPT** – Apresentação em Microsoft Office PowerPoint

**PL** – Projeto de Lei

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A ARTE COMO CONHECIMENTO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A LEI 11.769 DE 18 DE AGOSTO DE 2008 .....</b>	<b>18</b>
<b>4 A ARTE NA ESCOLA: ENTRE O PASSADO E O FUTURO .....</b>	<b>21</b>
<b>5 O QUE ESPERAM OS ALUNOS DO ENSINO DE MÚSICA NAS AULAS DE ARTE? .....</b>	<b>27</b>
<b>5.1 PRIMEIRO CONTATO: COLETANDO INFORMAÇÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>5.2 AS APRESENTAÇÕES PARTE I: ESTILOS MUSICAIS FAVORITO .....</b>	<b>29</b>
<b>5.3 AS APRESENTAÇÕES PARTE II: ESTILOS MUSICAIS NÃO-FAVORITO .....</b>	<b>31</b>
<b>5.4 ÚLTIMO CONTATO: CONFIRMANDO AS INFORMAÇÕES .....</b>	<b>33</b>
<b>6 PROJETO DE CURSO: A EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR DE ARTE COM A MÚSICA É O PRIMEIRO PASSO .....</b>	<b>39</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>8 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho de conclusão de curso, parto de ideias e pensamentos inquietantes e renovadores que venho lendo em documentos norteadores como a LDB n. 9.394/96 e o PCN - volume Arte, além da observação de fatos e situações que venho presenciando diariamente na sala de aula. A inserção das diversas linguagens artísticas na sala de aula é de suma importância na formação de educandos críticos e esteticamente alfabetizados. Educar o aluno e possibilitar que exercite sua cidadania a partir de iniciativas da esfera artístico-cultural – música, dança, teatro, artes visuais, cinema e literatura – permite que os ajudemos a alcançar um olhar mais sensível sobre as artes e principalmente para sua própria vida.

Posto em prova de que a arte tem função indiscutível na formação do ser humano, cabe ao docente em arte, levar aos alunos um pouco mais de cultura e possibilitar ainda que cada um conheça e experimente os diversos campos da arte durante todas as etapas da educação básica. Especificamente neste trabalho, irei destacar o ensino da música na escola.

A música se faz presente desde os primórdios da civilização. Desde a época em que nossos antepassados usavam ossos, pedras e o próprio corpo para produzir e imitar sons, a música possibilita que demos significado às coisas e a nossa própria vida. Para mim, particularmente, a música sempre foi instrumento de libertação, transformação e principalmente de expressão. Infelizmente, nunca tive a oportunidade de perceber a música como arte enquanto aluna da educação básica.

Acredito que levar música para dentro da escola, mais especificamente para dentro da sala de aula, não significa ter que fazer com que o educando goste de um determinado tipo de música, ou deixe de ouvir outros. Cabe ao professor, a tarefa de propiciar ao aluno, conhecer, apreciar e respeitar a música como um todo. Para tanto, é preciso que o professor, enquanto educador e ouvinte, também o faça com o objetivo de obter maior conhecimento.

Valerá muito ao professor utilizar a música em suas aulas, mas é preciso dedicar-se ao seu estudo, procurando compreendê-la em sua

amplitude, desenvolvendo o prazeroso trabalho de sempre escutar os mais variados sons em suas combinações infinitas, com “ouvidos atentos”, e também ler o que for possível a respeito. (FERREIRA, 2007, p.13)

Embora não inserida no ensino da arte, a música já se fez presente nas escolas brasileiras, introduzida por Heitor Villa-Lobos, com seu método do Canto Orfeônico. Porém por volta de 1970, ela deixou de fazer parte do currículo escolar. Segundo Goldemberg (2002), foi sancionada a Lei 5.692/1971, que tornou o ensino da arte polivalente, no sentido em que um mesmo professor poderia dar conta das múltiplas linguagens artísticas.

Em 2008 sancionou-se a Lei 11.769, que torna obrigatório o ensino da música dentro da disciplina de arte e esse fato causou muitas dúvidas no meio escolar, principalmente entre os professores de arte, uma vez que, estes tiveram até agosto de 2011 para adaptar-se a essa lei e assim trazer música para as escolas, inserindo-a no ensino de arte.

Nesse contexto percebi que é necessário aprofundar o conhecimento sobre a lei e saber realmente o que ela suscita, o que exige e o que prioriza. Optei então por uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para fundamentar a coleta de dados na pesquisa de campo, dentro da linha *Educação e Arte*, do curso de Artes Visuais.

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (DIEHL, 2004, p. 52)

Partindo da ideia defendida por Diehl (2004, p. 47), quando nos coloca que “a pesquisa constitui-se num procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas propostos” e tendo ainda a fala de Zamboni (2006, p. 51) reafirmando que “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”, busco responder a uma questão que encontra-se viva no cotidiano escolar.

Embora as discussões estejam predominantemente no âmbito docente, busquei perceber o que pensam os alunos sobre o assunto, se entendem o ensino da música como conteúdo de aprendizagem, se a percebem enquanto arte ou se simplesmente a vêem como uma linguagem

para descanso e descontração. Essas questões constituem então, o problema da pesquisa: *O que esperam os alunos do ensino da música nas aulas de arte?*

Início falando sobre *A Arte como Conhecimento* e para enfatizar minhas ideias, trago a Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados em 1998. Neste capítulo, levanto questões como definições para 'arte', citando Coli (1995), Grimshaw (1998) e Tolstoi (1978). Em seguida, falo ainda sobre música, trazendo autores como Moraes(1986), Rosa (2006) e Queiroz (2000).

Seguindo, trago para discussão a Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, falando sobre os Projetos de Leis que a antecederam e os objetivos pelos quais a música foi inserida no currículo escolar. Acrescento ainda a Resolução n. 075 do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

No capítulo seguinte, apresento a situação atual do ensino da arte percorrendo uma breve história da arte-educação no Brasil, destacando pontos relevantes nas mudanças e avanços até aqui. Busco refletir sobre essa trajetória a partir de autores como Silva (2006), Barbosa (1999), Lowenfeld (2003) e Ferraz e Fusari (1999). Este capítulo também vem falar um pouco dos sonhos e perspectivas que temos em relação ao ensino da arte. Para tanto, trago Pessi (1994) e Buoro (2003) para tratar da importância da arte na educação.

Para finalizar, descrevo a pesquisa de campo realizada na E.E.B.M. Vicente Guollo, de Morro da Fumaça, separando por sub-capítulos as etapas deste processo, onde tive a oportunidade de perceber o que pensam os alunos sobre o ensino de arte e de música. A análise de dados possibilitou a organização das considerações finais deste trabalho de conclusão de curso.

## 2 A ARTE COMO CONHECIMENTO

A escola visa reconhecer-se como um espaço de produção e difusão de conhecimentos das mais diversas áreas, entre elas a arte. Na Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/96, a arte é reconhecida como componente curricular obrigatório e na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), é considerada uma área com conteúdos específicos e com uma função tão importante quanto qualquer outra disciplina: “a área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades” (BRASIL, 1997, p. 19).

Trabalhar arte na escola é indispensável para a formação de cidadãos críticos e criativos. Marques (2001, p. 43), nos diz que “o conhecimento em arte articula-se com o conhecimento através da arte, problematizando e abrindo o leque de possibilidades de relações entre arte, ensino, aluno e sociedade”. Constantemente, a arte nos abre portas, onde o impossível parece não existir. Criar, imaginar, pensar, tecer idéias únicas. Entrelaçar conhecimentos. Entrar num mundo imaginário, ou não. Tudo isso é possível quando temos uma relação íntima com o mundo da arte.

Mas afinal, o que é arte? Para Grimshaw (1998 apud Rosa, 2006, p. 14), arte “é o conjunto de idéias resultantes da habilidade, imaginação e invenção do ser humano”. Tolstoi (apud Read, 1978, p. 161), nos conceitua arte de uma maneira mais ampla:

a atividade da arte consiste em evocar a si próprio certo sentimento que se experimentou e, tendo-o evocado, transmiti-lo por meio de movimentos, linhas, cores, sons ou formas expressas em palavras, para que os outros experimentem o mesmo sentido.

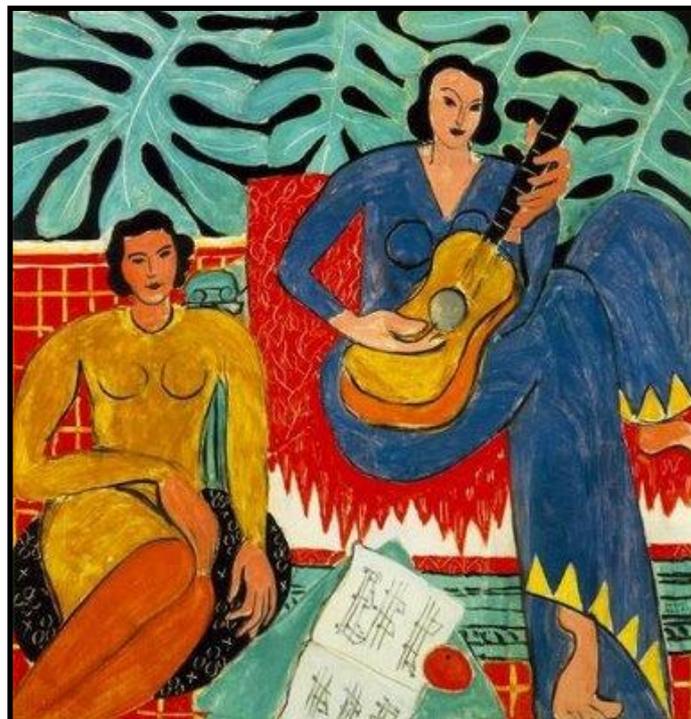
De acordo com Coli (1995, p. 8), “[...] arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais, nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”. Em sentido mais individual, Leite (2008, p. 29), afirma que “para o senso comum, a arte é pura expressão de emoção e sentimentos; simples fazer”. O que concluímos desses conceitos é que desde os primórdios da civilização, a arte tem função indispensável na vida das pessoas e na sociedade, tornando-a um dos fatores essenciais de

humanização.

Segundo Corrêa (2004, p. 07),

As reflexões sobre o ensino de Artes nos levam à consideração de que a Arte é a base da vida, sem ela o homem não vive, pois ela está presente em todos os momentos existenciais do ser humano, tanto no que concerne à estética do cotidiano como à estética formal, pois o indivíduo convive em sua cotidianidade com esta relação dialética tendo a Arte sempre presente em sua vida em um determinado contexto sociocultural.

O ensino da arte vem alcançando, nos últimos anos, cada vez mais seu espaço no âmbito escolar, proporcionando aos alunos contato direto com as diversas linguagens artísticas. A música, considerada umas das mais antigas manifestações artístico-culturais, faz parte dessas linguagens, que agora, vem sendo apontada como algo a ser estudado nas escolas durante as aulas de arte. Aliás, a música há muito tempo já estabelece uma relação com as artes visuais, por exemplo, principalmente na pintura. Podemos observar essa relação nas produções de artistas como Henri Matisse, Caravaggio e Cândido Portinari que já retratavam em suas obras lições de música, concertos musicais ou músicos.



**Henri Matisse**  
**La Musique (1939)**

Óleo s/ tela  
115.2 x 115.2 cm

Fonte: <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/matisse/>



**Candido Portinari**

**Chorinho (1942)**

Têmpera s/ tela

225 x 300cm

Fonte: <http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/obras>



**Caravaggio**

**The Musicians (1595)**

Oléo s/ tela

92.1 x 118.4 cm

Fonte: [http://www.metmuseum.org/works\\_of\\_art/collection\\_database/](http://www.metmuseum.org/works_of_art/collection_database/)

Segundo Abbagnano (2000, p. 689), “são duas as definições filosóficas fundamentais” dadas à música.

A primeira considera-a como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem: revelação que pode assumir a forma do conhecimento ou do sentimento. A segunda considera-a como uma técnica ou um conjunto de técnicas expressivas que concernem à sintaxe dos sons.” (ABBAGNANO, 2000, p. 689)

Está inserida desde sempre na sociedade, embora antigamente não fosse entendida como arte. Em sua origem, era utilizada para a veneração da natureza e de deuses antigos, o que envolvia realidade, magia e crenças. Nossos antepassados usavam de pedras, ossos e o próprio corpo para fazer e imitar sons, e como nos coloca Schneider apud Jeandot (1997, p. 14), o homem cantava e tamborilava em si próprio, “para saudar alguém, formular um agradecimento, zombar de outra pessoa, elogiar o chefe da tribo, caçar um animal ou atizar o fogo”. Desde então, ela é responsável pela criação de diferentes sentidos e significados, contribuindo, como nos fala Loureiro (2003, p. 33), “para a aquisição de hábitos e valores indispensáveis ao exercício da cidadania”.

Moraes (1986, p. 08), nos coloca que a música é “antes de mais nada, movimento. E sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo; sons, silêncios e ruídos; estruturas que engendram formas vivas”. Já para Rosa (2006, p. 109), “música é linguagem. Linguagem é comunicação. A comunicação existe mesmo no silêncio. Silêncio é linguagem. Silêncio é comunicação. Silêncio é música”.

Tenho comigo que a música é uma das mais fascinantes linguagens da arte. Envolve-nos sem que percebamos, nos declama poesia, nos derrama emoção, nos liberta, dá-nos asas. Queiroz (2000, p. 16), vem falar desse poder de envolvimento da música quando nos coloca que “nenhuma outra arte abre e penetra tão facilmente nossa sensibilidade”. O autor nos fala ainda, que esse poder de envolvimento da música, acontece, muitas vezes, sem ao menos pararmos para apreciá-la:

A música, como arte que envolve ambiente e pessoa por inteiro, envolve a sensibilidade humana e a predispõe para que nos envolvamos com ela (a música). Podemos ouvir música distraídos e esta realmente nos tocar sem nos apercebermos, mas uma poesia ou

uma pintura não nos sensibilizam se não acionarmos certos sensores em direção a estas artes. (QUEIROZ, 2000, p. 16)

Os conceitos de música são inúmeros, assim como seus detalhes e as múltiplas formas de como é usada, principalmente agora, nessa época em que os recursos tecnológicos nos permitem ter acesso à música com tanta facilidade e tanta disponibilidade.

Apesar disso, Queiroz (2000), possibilita-nos refletir o quanto, apesar de toda disposição, as pessoas não reconhecem a música como arte, nem a percebem como deveriam, afinal

Pense sobre as vezes, ao longo de um dia, semana ou mês, em que escolheu uma determinada música para ouvir, parou com os demais afazeres, sentou-se e ouviu a música, colocando nela o principal de sua atenção. Por outro lado, lembre-se do quanto a música chegou a você por todos os meios de comunicação, desde as “músicas de espera” no telefone, passando pela televisão, pelo rádio do seu carro ou do carro ao lado, até propagandas e ambientes coletivos. [...] tenha certeza de que eu, você e todos que vivemos em época de muita música, estamos recebendo a influência dessa massa musical de modo inadvertido, sem que tenhamos escolhido nada disso e sem saber a que leva todo esse impacto sonoro e vibratório. (QUEIROZ, 2000, p. 24)

É importante compreender a forma com que os alunos vêem toda essa disposição sonora e como o ensino da música vem (ou não) chegando a eles como conteúdo das aulas de arte.

Dallanhol e Guerini (1994, p. 89), nos colocam que para a maioria das pessoas, a escola é a única fonte onde adquirem conhecimentos, e por tal motivo “tem, por obrigação, oferecer acesso aos principais expoentes da nossa cultura”. Vemos então, a importância da modificação da LDB n. 9.394/96, onde a música, linguagem tão presente em todas as culturas, tornou-se conteúdo obrigatório na disciplina de arte.

### 3 A LEI 11.769 DE 18 DE AGOSTO DE 2008

Muito recentemente, como nos informa a página online do Planalto Central<sup>1</sup> no ano de 2008, o Presidente da República sancionou a Lei 11.769, que altera a LDB n. 9.394/96, acrescentando ao Artigo 26, o § 6º, que torna obrigatório o ensino da música nos diversos níveis da educação básica, vetando assim, o artigo 2º que exigia a formação específica na área.

O projeto de lei – denominado PL 330/2006 – foi proposto, no senado, pela então senadora federal Roseana Sarney e de acordo com Santos (2011), “a mobilização contou com o apoio do Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música (GAP) que é formado por 86 entidades, como universidades, associações e cooperativas de músicos”, de onde partiu a iniciativa para o projeto.

Na continuidade das discussões, já na câmara dos deputados, o projeto de lei traz a afirmação de que “a música possui um apelo irresistível à socialização” (PL 2.732/2008, p.02). Em outros pontos que julga positivo em relação ao ensino da música nas escolas, o mesmo levanta questões de como isso pode influenciar na formação dos estudantes: “Não há dúvida de que a educação pela música contribui para a formação integral do ser humano e para o despertar de uma cultura democrática de valorização da diversidade, da sensibilidade, da tolerância e da cidadania” (PL 2.732/2008,p. 03). Segundo o deputado federal Frank Aguiar, um dos principais objetivos do projeto de lei, era valorizar a diversidade da cultura musical do país.

A alteração da LDB 9394/96, modificou então o artigo 26º ao acrescentar o § 6, deixando-o com a seguinte escrita:

**Art. 26.** Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. **§ 2º** O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010) **§ 6º** A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do

---

<sup>1</sup> <http://legislacaoplanalto.gov.br>

componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.769, de 2008)

A Resolução n. 075 do Conselho Estadual de Educação, aprovada em 07 de dezembro de 2010, veio firmar ainda mais a lei no estado de Santa Catarina, estabelecendo normas complementares no âmbito do sistema estadual de ensino:

**Art. 1º** A Música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de Arte, na Educação Básica. **Art. 2º** O Projeto Político-pedagógico das unidades escolares deverá explicitar a forma pela qual darão cumprimento ao disposto no art. 1º desta Resolução, até o dia 31 de agosto de 2011. **Art. 3º** As mantenedoras deverão garantir condições para que as unidades escolares cumpram o disposto nesta Resolução, principalmente as que se referem à formação inicial e continuada dos docentes nesta linguagem da Arte. **Art. 4º** Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial do Estado. **Art. 5º** Ficam revogadas as disposições contrárias.

Em entrevista ao site O Globo Online, a cantora Fernanda Abreu<sup>2</sup> argumenta que “muito mais do que formar músicos ou especialistas na área, a educação musical nas escolas, é uma ferramenta de cidadania, de inclusão social e cultural”.

Numa pesquisa realizada em escolas de Ensino Fundamental de Porto Alegre/RS, Corrêa (2004, p. 85), nos coloca que:

Ficou claro (...) e de forma inequívoca que a música, de múltiplas formas, está presente no cotidiano escolar. Coexistem nessas escolas, diversas práticas, modelos e concepções de ensino musical, envolvendo diferentes modalidades organizacionais e de articulação com a comunidade do contexto escolar, e que de certa forma, são subsumidas no senso comum de que a música teria desaparecido da escola.

O barulho do trânsito, o canto dos pássaros, o sinal, os gritos e sorrisos de cada aluno; a batida no prato do lanche, o apito do professor de educação física, tudo isso pode ser transformado em som quando se usa de criatividade para colocar em prática a música. O professor de arte precisa buscar informações, procurar saber antes mesmo de levar ao educando, que a música está presente em todos os lugares, às vezes notavelmente no silêncio.

---

<sup>2</sup> Fernanda Sampaio de Lacerda Abreu (Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1961) é cantora e compositora brasileira. (Fonte: <http://www.lettras.com.br/biografia/fernanda-abreu>)

Gordon (2000, p. 51) nos fala da importância de aprender a compreender e a apreciar música, e compartilhar isto com os alunos, para que esses também vivenciem tal experiência.

A música apresenta, não representa. Não pretende significar, mas ser. Quanto melhor os alunos compreenderem a música, melhor conseguirão apreciá-la, embora possam não gostar de tudo o que compreendem. Sem negar as qualidades estéticas da música de todas as culturas, eras, estilos e formas, e então decidir por si próprios que música vão escutar, executar ou compor. (GORDON, 2000, p. 51)

Penso que seja um desafio pesquisar um assunto tão amplo como a música. Sei também que muitos serão as dificuldades no ensino da mesma durante minha carreira de professora de arte. Todavia, abraço aqui uma fala de Freire (1996), quando ele nos fala que

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 29)

Somo esse desafio à problemática desta pesquisa, buscando significar ou ressignificar o sentido do ensino da música e conseqüentemente, o sentido do ensino da arte.

Em

#### 4 A ARTE NA ESCOLA: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

bora ainda não seja da maneira como desejamos, o ensino da arte tem alcançado cada vez mais reconhecimento dentro da escola, perante aos alunos e também à sociedade. Penso ser uma vitória esse reconhecimento que há tanto tempo é buscado por muitos professores de arte. Mas me questiono se o ensino da arte tem-se feito valorizar, se os professores têm possibilitado que os alunos, principalmente, tenham visto e refletido sobre a importância do ensino da arte.

Segundo Pessi (1994, p. 23), “os professores de arte, durante os últimos anos – ou desde que se instituiu a Educação Artística – na sua ação pedagógica preocupam-se principalmente com o fazer artístico”. Todavia, acredito que nada adianta o fazer artístico, sem todo um trabalho que o antecede ou sucede, pois caso contrário, será um mero fazer por fazer, fazer para cumprir, para ganhar nota. E é esse paradigma que precisamos quebrar, o fazer sem contextualizar, sem refletir.

Para algumas pessoas, a arte ainda é estigmatizada como um dom, ou algo para poucos. É visto como algo acima da capacidade humana de apreciar. É comum encontrar também pessoas que pensam imediatamente, quando lhes é indagado sobre o assunto, que arte é desenho, pintura acadêmica, perfeita. Recordo-me de vários momentos em que fui questionada sobre o fato de não saber desenhar: *‘Mas como uma professora de arte não sabe desenhar? Não aprende-se isso durante a faculdade?’*. Algumas vezes julgamos a arte de maneira inadequada, porém é preciso que se ressalte que essa visão existe por que, pelo menos, há algum tempo atrás, era isso que víamos na escola durante as aulas de arte, desenho de livre expressão ou desenho técnico, quando sabemos que a arte vai muito além disso.

Buscando compreender essa e outras questões relacionadas ao ensino da arte, percorro brevemente a história do ensino da arte no Brasil, observando suas mudanças e avanços até a atualidade. O ensino da arte no Brasil iniciou-se no momento em que “D. João VI trouxe a Missão Francesa com o intuito de formar uma Escola de Arte” (JÚNIOR, 2009).

Todavia, o custo para estudar arte era bastante alto, o que não permitia que muitas pessoas estudassem. Já naquela época, o Brasil passou

por inúmeras transformações culturais e a partir de 1920, como nos coloca Júnior (2009), “a Arte passa a ser incluída no currículo escolar como atividade integrativa”, porém mantém-se exercitando as cópias e os desenhos técnicos voltados à formação de desenhistas.

Aos poucos foram desenvolvendo-se novas formas e visões de se ensinar arte e percebeu-se que

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. (BARBOSA, 1999, p. 04)

Conforme o PCN – Arte (1997, p. 24), “a introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador”. Ainda assim, já por volta de 1970, mesmo com a Lei Federal n. 5.692 de Diretrizes e Bases da Educação estipulando no Art. 7º que seria obrigatório a inclusão de Educação Artística nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus<sup>3</sup>, não existiam cursos de arte-educação, “apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico” (BARBOSA, 1999, p. 09). Assim pode-se compreender que seja esse o motivo pelo qual o ensino da arte cresceu tão vagarosamente e enfrentando tantas dificuldades.

Porém, como já mencionado, o ensino da arte vem ganhando espaço na educação básica e, atualmente, segundo a LDB n. 9.394/96, artigo 26º, § 2º, “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (Redação dada pela Lei n. 12.287, de 2010)”.

A modificação nesse artigo da LDB n. 9.394/96, onde anteriormente não explicitava-se o termo *expressões regionais*, mostra que há uma preocupação em melhorar o ensino da arte no Brasil. Penso que trabalhar a cultura regional, a cultura que os próprios alunos vivenciam, é um grande

---

<sup>3</sup> Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm)> Acesso em 30 de maio de 2011.

passo para despertar o interesse e o respeito dos alunos em relação às aulas de arte.

Ao tentar quebrar os paradigmas sobre o ensino da arte, estamos buscando um novo modo de ensinar arte, modo esse que não deve seguir padrões tradicionalistas e tecnicistas. Silva (2006, p. 20) vem nos colocar que a arte encontra-se no momento “de maneira revolucionária” e que o que “estamos assistindo, é sem dúvida, o rompimento definitivo com a tradição clássica”.

Há muito tempo, alguns pesquisadores já vêm questionando as maneiras de ensinar arte, principalmente às crianças, e pelo que vejo, muitos professores, principalmente os que estão se formando agora com um novo olhar, têm buscado essas diferentes formas de ensinar, o que conseqüentemente, vem melhorando o ensino da arte e o fazendo ganhar espaço e respeito no campo escolar, tanto por parte das outras disciplinas, quanto diante dos alunos.

Lowenfeld (apud Buoro, 2003, p. 37), fala dos cuidados que devemos tomar, por exemplo, “de não impor imagens às crianças; de não dar o trabalho de uma criança como exemplo para outra; de nunca deixar uma criança copiar qualquer coisa pronta; de não mostrar à criança como se pinta.” Acredito que seja uma tentativa de acabarmos com os estereótipos e deixar que o educando busque conhecimentos em arte, busque desenvolver sua capacidade criativa e cognitiva.

A contribuição da disciplina de Arte na educação é bastante relevante, uma vez que incentiva uma produção que não depende de modelos. Nesse sentido, Ferraz e Fusari (1999) destacam a importância que a Arte vem assumindo no contexto educacional por se constituir, de modo específico, em uma manifestação da atividade criativa dos seres humanos por meio da interação com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, bem como ao conhecer esse mundo do qual fazem parte.

Já que temos consciência de que o ensino da arte tem ganho maiores proporções, apesar de seus descompassos, e que muitas vezes nos equivocamos na forma com que a levamos aos nossos alunos, por que não buscar inovar e pensar novas perspectivas para o ensino de arte? Concordo com Pessi (1994, p. 24), quando nos coloca que “é necessário indagarmos:

quais são nossos fundamentos? Quais metodologias sustentam nossa prática pedagógica? Quais pressupostos orientam nossas ações em ensino de arte?”.

Quando falamos em ensinar arte, é necessário lembrar que ela está desde sempre presente na história do ser humano e que é necessário estudá-la e buscar compreendê-la, não esquecendo de que arte é conhecimento. Lembro Buoro (2003, p. 33), quando a mesma fala que o objetivo da arte na escola “é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade”. Ao mesmo tempo, trago Barbosa (2003, p. 14) que nos coloca que é o professor o responsável por levar essa importância ao educando:

Somente a ação inteligente e empática do professor, pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cada cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação.

Devo concordar com Barbosa, no sentido de que o professor, enquanto mediador de conhecimento, é sim a pessoa responsável por mostrar aos educandos o valor do ensino da arte. É nosso dever enquanto professores, sair, como nos coloca o PCN (1997, p. 26), deste “círculo vicioso”, onde prevalecem os desenhos estereotipados, as musiquinhas do horário de ir para o lanche, que “reforçam o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo escolar”. (BRASIL, 1997, p. 26)

O professor de arte precisa reconhecer-se como ser capaz de modificar a história da arte na educação, saber que somos nós os grandes responsáveis pela formação artístico-cultural de nossos alunos.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Pilotto (2007, p. 24) em diálogo com as ideias já acima descritas, fala que são vários os desafios que devemos enfrentar para que o ensino de arte seja significativo para nossos alunos:

O primeiro deles é permitir que o processo, se dê por meio de ações que possibilitem às crianças experiências com as linguagens da arte,

desenvolvendo, conseqüentemente, a imaginação, a percepção, a intuição, a emoção e a criação.

Durante o seu processo de crescimento, onde as crianças passam a dar significados as coisas e as situações, não costuma-se perceber situações de preconceito, geralmente são bastante receptíveis a novas vivências, novas experiências. Portanto, é nesse momento em que o professor precisa mostrar a importância da arte, em suas diversas linguagens, para cada educando, pois o gosto pela arte se dá a partir do momento em que passamos a conhecê-la e a apreciá-la. Quando o professor busca despertar essa curiosidade pelo novo, usando estratégias e práticas ousadas, diferenciadas, é que os resultados são produtivos e o aprendizado acontece de forma significativa.

Barbosa (2003, p. 17) possibilita que percebamos a maneira como o ensino da arte vem se desenvolvendo e como “essas mudanças estão sendo percebidas pelos professores”. A autora cita alguns pontos importantes que vêm sendo discutidos nesse *novo* modo de ensino da arte e penso que devemos agir ao encontro dos mesmos. Entre esses pontos ela destaca o “maior compromisso com a cultura e com a história”, “a ênfase na interrelação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (apreciação interpretativa) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra” (BARBOSA, 2003, p. 17). Ainda nos coloca que “não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte” (BARBOSA, 2003, p. 17).

Dialogando com a ideia, Baumer (2009, p. 79) afirma em sua pesquisa que esses

novos rumos da educação em arte passam necessariamente pela reflexão sobre a experiência de fazer arte e pensar a arte como produto cultural, que traduz impressões de épocas e vivências em várias partes do mundo, de vários níveis sociais e também dos conflitos presentes na vida da sociedade, que se exprimem por suas diversas linguagens: visuais, musicais e cênicas.

Essas “diversas linguagens” citadas por Baumer (2009, p. 79), dialogam de maneira expressiva no que chamo de perspectiva para o ensino de arte. Pois assim como nos coloca o PCN – Arte (1997, p. 36), “é desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior

número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada.”

São pontos que parecem simples, todavia podem fazer toda a diferença se quisermos contribuir de forma notória para a melhoria de um ensino da arte que possa se tornar significativo para a vida de cada educando.

## **5 O QUE ESPERAM OS ALUNOS DO ENSINO DE MÚSICA NAS AULAS DE ARTE?**

Buscando compreender o que os alunos pensam e entendem por ensino de música dentro das aulas de arte, realizei uma pesquisa de campo com alunos de duas 8<sup>as</sup> séries da Escola de Educação Básica Municipal Vicente Guollo, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Morro da Fumaça. Ambas apresentam aproximadamente o mesmo número de aluno e as identifiquei no decorrer desta pesquisa como Turma A (a oitava série do turno matutino com vinte e dois alunos) e Turma B (a oitava série do turno vespertino com dezenove alunos).

Foram quatro encontros com cada turma até chegar a um resultado, cujos mesmos descreverei adiante.

### **5.1 Primeiro contato: Coletando informações**

O primeiro contato com as turmas aconteceu apenas para revelar o que sabem os alunos sobre a Lei. Levei um questionário com duas perguntas:

*a) Você conhece ou já ouviu falar sobre a Lei 11.769, que dispõe a obrigatoriedade do ensino de música como conteúdo de arte? Justifique.*

*b) De que forma e o que você espera aprender sobre música?*

No mesmo dia eles levaram uma solicitação para que seus pais autorizassem a divulgação dos dados a serem obtidos por meio da participação de seus filhos durante essa pesquisa de campo. O questionário foi recolhido no mesmo dia, já as autorizações, combinamos de que todos me trariam na próxima semana, quando novamente nos reunimos.

Com as respostas organizadas, solicitei à direção da escola a reserva do data show. Montei uma apresentação em PPT e levei um pouco do que a Lei 11.769 suscita. Falamos sobre a obrigatoriedade, o que aprender sobre música, o que é importante nesse processo, sempre lembrando as respostas dadas por eles no questionário. Fiquei um tanto quanto surpresa com tais respostas. Na primeira questão, dos quarenta e um alunos pesquisados, apenas dois já haviam ouvido falar sobre a Lei 11.769 que dispõe a

obrigatoriedade da música na escola.

Na segunda questão perguntei de que forma eles gostariam de aprender música na escola e como eu já havia presenciado outras experiências, com alunos de outra escola, pensei que as respostas seriam quase unânimes, que gostariam de aprender a cantar e a tocar instrumentos. Todavia, as respostas foram divididas: vinte e dois alunos queriam realmente cantar e/ou tocar instrumentos enquanto os outros dezenove responderam que gostariam de aprender música de diversas maneiras: conhecer melhor, saber o que realmente é música, enfim, foram diferentes respostas que fugiram do que eu havia imaginado.

Já nesse primeiro momento pude observar que, enquanto professores, temos a tendência a menosprezar os conhecimentos e necessidades dos alunos, na maioria das vezes, pensando que já sabemos o que eles pensam. Nesse sentido, são vários os pesquisadores em educação que alertam para a importância de conhecermos e considerarmos, em nossos planejamentos, o contexto e o conhecimento prévio dos alunos.

O PCN – Arte (1997, p. 67), diz que devemos sim levar em consideração esses conhecimentos dos alunos, “aceitando a aprendizagem informal que os alunos trazem para a escola e, ao mesmo tempo, oferecendo outras perspectivas de conhecimento”. Ainda segundo o PCN – Arte (1997, p. 67), o professor deve agir como um observador e levar em consideração questões como: “o que os alunos querem aprender, quais as suas solicitações, que materiais escolhem preferencialmente, que conhecimento têm de arte, que diferenças de níveis expressivos existem, quais os mais e os menos interessados, os que gostam de trabalhar sozinhos e em grupo, e assim por diante”. Só assim, será possível criar situações de aprendizagem que sejam positivas para os alunos.

Percebi que os alunos sentem a necessidade de aprender sobre o assunto, talvez porque seja algo que não entendem como conteúdo ‘chato’ ou talvez porque a música faça parte de seus cotidianos, afinal, sempre os vejo cantando e ouvindo músicas em seus celulares e aparelhos multimídias.

Depois de responderem ao questionário, entreguei a eles um pequeno pedaço de papel, onde deveriam colocar seu estilo musical preferido ou com o qual se identificassem. Recolhi os papéis e os dividi em grupos de

acordo com os estilos musicais. Formaram-se quatro grupos no período matutino e quatro no período vespertino. Entre os estilos musicais escolhidos estavam o sertanejo universitário, rap e pop rock.

Para o próximo encontro com as turmas, propus uma experiência: os grupos formados deveriam organizar uma apresentação (os deixei livre para decidir como) para mostrar ao grande grupo suas preferências musicais. Nessas apresentações, algumas questões deveriam ser abordadas, como: principais características de cada estilo, informações relevantes (surgimento, motivo do surgimento, época, etc.) e uma banda ou cantor que representasse esse estilo musical.

## **5.2 As apresentações Parte I: Estilos Musicais Favoritos**

Inicialmente organizamos as turmas (cada qual no seu período) para o início das apresentações. Os alunos estavam muito agitados e ao mesmo tempo ansiosos para apresentar e assistir aos colegas, já que segundo comentários dos mesmos, *o assunto música era muito interessante (Aluno 8 – Turma A)*.

As apresentações foram bastante produtivas. Os grupos falaram das características de cada estilo musical e levaram vídeos e músicas para tornar o trabalho ainda mais interessante. Cada trabalho tinha uma característica própria, pois os alunos tinham ficado livres para criar as apresentações da maneira que julgassem melhor. Percebi uma interação bastante significativa entre os componentes dos grupos, o que tornou as apresentações ainda mais interessantes. Essa interação entre os alunos é consideravelmente importante, pois há neste momento uma troca de informações e saberes, e como coloca Espada (2005, p. 11), “junto aos outros companheiros de grupo, começamos a adquirir conhecimento para a vida”.



Apresentações dos estilos musicais favoritos. Turma A.  
Fonte: Arquivo pessoal.



Apresentações dos estilos musicais favoritos. Turma A.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Encerradas as apresentações, propus aos alunos uma segunda experiência: perguntei às turmas que estilos musicais eles não gostavam. Entre eles estavam o sertanejo (anterior ao sertanejo universitário), música clássica, valsa, forró. Com os mesmos grupos, os alunos deveriam montar uma segunda apresentação, que contemplasse os mesmos requisitos da anterior: características, informações relevantes, banda ou cantor, etc. Nesse momento algumas expressões foram de rejeição:

- *Meu Deus, que vergonha das outras turmas!* (Aluno 1 - Turma A)
- *Nossa, a gente vai falar das músicas que meu pai e meu avô ouviam.* (Aluno 15 – Turma A)

Penso que isso aconteceu em função de o adolescente sentir a necessidade de se igualar ao grupo e como nos coloca Barros (2011), o adolescente geralmente busca “os mesmos gostos e desejos, a fim de uma identificação menos conflitante e mais amigável”, por isso talvez, as duas turmas tenham tido certo receio em buscar conhecer coisas que não fazem parte de sua realidade. Disse aos alunos que não poderíamos julgar o que não conhecíamos e que mesmo não gostando, a experiência e o contato com outros estilos musicais só fariam ampliar nosso repertório artístico cultural. Sobre isso o PCN – Arte (1997, p.59), afirma que é importante para os alunos, “reconhecer e apreciar os seus trabalhos musicais, de colegas e de músicos por meio das próprias reflexões, emoções e conhecimentos, sem preconceitos estéticos, artísticos, étnicos e de gênero”. Apesar de algumas reclamações, as duas turmas aceitaram a ideia e toparam participar dessa experiência.

### **5.3 As apresentações Parte II: Estilos Musicais Não-Favoritos**

Organizamos a turma para que as apresentações pudessem iniciar. Desta vez, ao contrário de ansiosos, os alunos estavam intimidados por apresentar algo em que os colegas certamente poderiam rir.

Percebi que a maioria das equipes se preocupou mais com a primeira apresentação, penso que talvez pela não aceitação desses estilos musicais, ou por não querer se expor perante os outros alunos, já que a caixa de som e o data show chamavam a atenção também das outras turmas.

Por fim todos os grupos apresentaram, levando músicas e imagens que representasse cada estilo. Como já era esperado, algumas piadas e algumas risadas aconteceram por causa das músicas, que por eles eram consideradas *bregas* (Aluno 7 – Turma A) ou *músicas de velho* (Aluno 3 – Turma B). Voltamos novamente ao ponto importante daquela vivência: a ampliação do repertório artístico cultural a partir do contato com outros estilos musicais.



**Apresentações dos estilos musicais não-favoritos. Turma B.**  
Fonte: Arquivo pessoal.



**Apresentações dos estilos musicais não-favoritos. Turma B.**  
Fonte: Arquivo pessoal.

No mesmo encontro, pensei que seria interessante rever o que os alunos pensavam sobre o ensino de música e se em contato com as experiências anteriores, puderam rever seus conceitos sobre o assunto. Portanto, para finalizar a pesquisa, levei um segundo questionário semelhante ao primeiro, onde os alunos deveriam assinalar as alternativas que considerassem cabíveis dentro de seus conceitos de ensino de música.

#### **5.4 Último contato: confirmando as informações**

Na primeira questão, quatorze alunos da Turma A responderam que gostariam de *conhecer a história da música*, e na Turma B, treze alunos. É importante ressaltar que percorremos um breve histórico sobre música e ensino de música durante nossos primeiros encontros, até chegarmos à atual Lei 11.769. Portanto acredito que isso tenha influenciado de forma relevante as respostas dos alunos, pois talvez, se não tivessem tido esse rápido contato

com a história da música, não buscariam e nem se interessariam pelo assunto. Destaco aqui então, a importância do professor despertar nos alunos a curiosidade por novos assuntos, novos conteúdos.

Percebi isso também na sexta questão, onde o contato com *novos estilos musicais* possibilitou tanto à Turma A quanto à Turma B, um maior interesse sobre o novo. Na Turma A, dezessete dos vinte e dois alunos responderam que gostariam de aprender música conhecendo melhor os estilos musicais, e na Turma B, dez dos dezenove alunos optaram por assinalar essa questão.

Trago para fundamentar estes dados sobre a importância das atitudes do professor diante dos alunos, uma fala de Saunders (1990 apud Rosa, Scaléa, 2006, p. 81), quando o mesmo afirma que “os educadores são os responsáveis em estimular e incentivar seus alunos a desenvolver processos cognitivos de tal forma significativos que resultem em verdadeiros processos criativos e reflexivos”. A partir disso, segundo Rosa, Scaléa (2006, p. 82), “podemos ressaltar a importância do papel do educador em mediar e propor atividades aos seus alunos”.

Na alternativa *Ouvindo apenas os tipos de músicas que gosto e já conheço* apenas quatorze alunos dos quarenta e um participantes da pesquisa, assinalaram essa opção. Percebi que a maioria dos alunos das Turmas A e B, mesmo receosos com os novos estilos musicais vistos durante a experiência dos estilos musicais não-favoritos, conseguiram perceber a importância de conhecer melhor os estilos musicais, sem pré-julgá-los, ainda que não gostem de determinado estilo. Essa característica converge com o PCN – Arte (1998, p. 81), no que se refere a um dos objetivos gerais do ensino de música:

Interpretar e apreciar músicas do próprio meio sociocultural e as nacionais e internacionais, que fazem parte do conhecimento musical construído pela humanidade no decorrer de sua história e nos diferentes espaços geográficos, estabelecendo interrelações com as outras modalidades artísticas e as demais áreas do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 81)

Ainda segundo esse documento, por meio deste contato com a música de “diferentes períodos históricos e espaços geográficos, o aluno pode

aprender a valorizar essa diversidade sem preconceitos estéticos, étnicos, culturais e de gênero” (BRASIL, 1998, p. 79).

Penso que há para o educando, certo estranhamento com o novo, principalmente se esse novo não faz parte de seu cotidiano, já que percebi que a maioria ouve apenas músicas atuais. Esse novo geralmente é contrário ao que os outros alunos de uma mesma idade pensam e ouvem. Segundo Forte (2009, p.19) “dependendo das vivências sonoras, o indivíduo mostra-se aberto ou não às diversas fontes musicais existentes.” É nesse momento que o papel do professor em favorecer o desenvolvimento da expressividade e da apreciação estética do aluno é fundamental. Esse processo, conforme Rosa (2006, p. 82), “será natural se a mediação do professor favorecer a produção, a fruição e a reflexão”.

Na opção que propunha a *criação de instrumentos alternativos*, ambas as turmas tiveram baixa aceitação, apenas seis alunos assinalaram essa alternativa. Percebi maior interesse por parte das turmas, na opção que destacava o *aprender a tocar instrumentos tradicionais na escola*. Acredito que a maioria dos adolescentes apresenta esses anseios, por querer de certa forma, se comunicar. Conforme Snyders (1992, p. 98), “a música como linguagem é sem dúvida mais diretamente comovente do que a linguagem propriamente dita”. Tocar um instrumento, um violão, por exemplo, pode substituir, para o adolescente, uma expressão de algo que o mesmo não consiga com palavras.

Nesse caso, a música tem função indispensável como forma de comunicação, e como nos fala Strasburger (1999, p. 100), “a música exerce, realmente, um importante papel na socialização dos adolescentes”. Stefani (1987, p. 9) nos coloca ainda que “cantando ou tocando, em grupo ou em público, comunica-se. Inevitavelmente. E, como todos sabemos, a música funciona também como meio de comunicação”.

Em contraposição, na questão *aprendendo a cantar*, poucos educandos optaram por assinalar, apenas seis alunos na Turma A e oito alunos na Turma B. Penso que talvez a mídia e o espelho que os adolescentes geralmente criam diante de seus ídolos famosos, trazem uma imagem de que saber cantar é significativamente importante na vida de cada um. Sobre isso Strasburger (1999, p. 100) afirma que “os artistas da música têm papel

significativo no desenvolvimento do adolescente como modelos potenciais de papel”.

Ainda nessa direção, Forte (2009, p. 22), diz que “a mídia ao difundir culturas massificadas e muitas vezes importadas, nos anula da possibilidade de uma nova perspectiva musical”. Refletindo sobre essa idéia podemos pensar que o desinteresse em criar instrumentos alternativos se dá também pelo mesmo motivo: os jovens têm como modelos, artistas que tocam instrumentos tradicionais e não os alternativos.

Ao analisar a alternativa *usando música apenas para descontração*, surgiram dúvidas sobre se os alunos entrevistados não confundiram de certa forma, a palavra descontração, levando para o lado do senso comum de que descontração é alegria, não dedicando a atenção necessária à palavra **apenas** que antecedia **descontração**. Afinal, música é sim alegria, mas não apenas isso.

Percebi certa contradição entre essa alternativa e outras, quando observei que um mesmo aluno assinalou a opção *música apenas para descontração* e *conhecendo novos estilos musicais*, ao mesmo tempo. Acredito que um aluno que deseja conhecer mais sobre música, mais sobre estilos musicais, não utiliza a música **apenas** com forma de descontração. Considerando que a música traz conhecimento sobre vários aspectos, não podemos deixar de concordar com Snyders (1992, p. 20), quando o mesmo afirma que o ensino de música “destina-se a fazer com que os alunos encontrem mais alegria na música”, além de que ela [a música] é capaz de

abrir-nos um universo à parte, um universo de exceção, distinto de todo o resto e sobretudo das palavras; um espaço onde não somos mais perturbados pela precisão das palavras, por suas definições restritas; **lugar de imaginação e sonho**. (SNYDERS, 1992, p. 98) (grifos meus)

Vale ressaltar que as últimas palavras de Snyders (1992) na citação acima remetem, especialmente, a um conceito muito significativo da música para mim: a música é um lugar de imaginação e sonho, não perturbado pela precisão das palavras. Aproveito ainda para fazer minhas as palavras de Moraes (1986, p. 8): “A música que mais me interessa, por exemplo, é aquela que me propõe novas maneiras de sentir e de pensar”. Percebamos aqui, o

poder da música e o que a mesma nos possibilita: imaginar, sonhar, sentir, pensar, apreciar.

No entanto, em nosso cotidiano, podemos observar a força que o texto literário possui na avaliação de músicas; a maioria das pessoas com quem convivemos, julga as músicas pelo conteúdo de suas letras ou pelo tema de seus textos. Essa observação converge para os resultados da terceira questão do questionário, que trazia a alternativa *Produzindo letras de música*. Na Turma A, onze alunos assinalaram essa opção, já na Turma B, apenas sete alunos. Dezoito alunos representam quase metade do número de participantes da pesquisa e constitui então, um grande grupo de alunos que vincula o trabalho com a música à composição de letras de música.

Na última alternativa do questionário, *Conhecendo instrumentos*, dezesseis alunos da Turma A manifestaram o interesse por essa atividade enquanto que na Turma B, oito dos dezenove alunos assinalaram essa opção. Volto aqui novamente na questão de que os jovens espelham-se em ídolos, na mídia. E é por meio deles que geralmente eles conhecem e têm acesso (no sentido visual) aos mais variados tipos de instrumentos. Penso ainda que seja comum essa curiosidade que os jovens apresentam de conhecer novos instrumentos, de tentar identificar-se com algo que mostre seu estilo ou personalidade.

Na questão que falava em *identificar e produzir sons*, na Turma A, doze alunos marcaram essa alternativa e na Turma B, sete alunos. A necessidade de criar novas ideias, inventar e usar a imaginação em atividades desse tipo, fica algumas vezes, ausente na escola. Além disso, o que vemos muitas vezes no senso comum, é que criar e identificar sons não têm haver com aprender música, e que esse aprender música, seria aprender a tocar instrumentos ou aprender técnicas vocais. Talvez esse seja o motivo pelo qual a maioria dos alunos não assinalou esta opção. O que é um grande equívoco, pois de acordo com o PCN- Arte (1997, p. 49), “Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores”.

Os dados acima coletados mostram que os alunos das séries finais do ensino fundamental esperam entrar em contato com a música por meio de

diversas formas, no entanto, a mediação do professor de Arte pode despertar entre eles novos interesses.

Nessa direção, com o objetivo de trocar experiências sobre as possibilidades de ensinar música na escola, elaborei um projeto de curso que será apresentado no capítulo seguinte.

## **6 PROJETO DE CURSO: A EXPERIÊNCIA DO PROFESSOR DE ARTE COM A MÚSICA É O PRIMEIRO PASSO.**

### **JUSTIFICATIVA**

Penso que antes de proporcionar aos alunos o contato com a música, o professor precisa pesquisar ideias e formas de como levar este assunto para a sala de aula. Esta busca freqüente por novas possibilidades permite que as aulas de arte passem a ser vistas como experiências e conhecimentos importantes na vida dos estudantes. Geralmente, na maioria das vezes, essas possibilidades de ensino de arte surgem na troca de experiências com outros arte-educadores. Por considerar significativamente importante esses momentos, é que busco possibilitar aos professores de arte da Rede Municipal de Morro da Fumaça, alguns encontros da mesma forma que anteriormente realizei minha pesquisa de campo com os alunos do ensino fundamental.

### **OBJETIVOS**

#### **Geral**

Oportunizar os professores de arte a troca de experiências sobre as possibilidades de ensinar música na educação básica.

#### **Específicos**

- Conhecer alguns aspectos da legislação educacional e do histórico do ensino de música no Brasil;
- Experimentar formas de aprender e ensinar música a partir de vivências estéticas.

## **METODOLOGIA**

Proponho uma oficina com duração de uma tarde, onde juntos, trocaremos ideias e buscaremos possibilidades de ensinar música. Os encontros precisarão acontecer em um lugar com acesso a internet, pois os professores precisarão dessa ferramenta.

Inicialmente, buscarei seguir atividades semelhantes ao que realizei com os alunos nesta pesquisa. Na primeira tarde, levarei uma apresentação em Power point que fale da Lei 11.769, e que também contemple um breve histórico do ensino da música no Brasil. Logo, iremos separar o grande grupo em pequenas equipes, de acordo com o estilo musical preferido. A partir daí, os grupos terão alguns materiais disponíveis para criarem suas apresentações, pesquisando informações importantes, características, bandas ou cantores que representem cada estilo musical. A intenção é que esta atividade dure aproximadamente 45 minutos para o preparo das apresentações, e 30 minutos para que os grupos se apresentem.

A seguir, irei propor que pesquisem sobre um estilo musical que não gostem e que não faça parte de seus cotidianos. O tempo estimado é praticamente o mesmo das primeiras apresentações.

Encerradas as apresentações de todos os grupos, vamos contextualizar o que juntos observamos no decorrer das experiências: as reações, os gostos, se houve dificuldade de aceitar o novo e porque, o que ganhamos com as experiências, se ampliamos nosso repertório artístico-cultural, etc. Os questionarei quanto ao que adquiriram de conhecimento, se é possível ou não, ensinar música aos alunos com atividades como essas e que outras possibilidades – já realizadas por eles, ou não – teríamos de levar o ensino da música para a escola dentro da disciplina de arte.

Penso que será um momento muito produtivo e de grande enriquecimento para os professores de arte que se fizerem presentes e que se envolverem com as experiências.

**PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA:** 05h/a

**PÚBLICO ALVO:** Professores de Arte da Rede Municipal de Ensino de Morro da Fumaça.

#### **REFERÊNCIAS:**

BRASIL - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI N°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** Cortez, São Paulo: 1992.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte têm função indiscutível na vida de cada sujeito, possibilitando-o tornar-se um cidadão mais crítico, criativo e ativo na sociedade. Mais interessante ainda, é que por meio da arte transpomos lugares, mundos, mundos imaginários, poéticos. Sonhos, quantas possibilidades de sonhos. Quantas opções irresistíveis temos ao assistir uma peça de teatro, apreciar um quadro ou ouvir uma música.

Graças a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Ensino de Arte tornou-se obrigatório, possibilitando o contato direto dos estudantes com a arte. Melhor ainda é que essa LDB 9394/96 vêm sofrendo algumas alterações, que priorizam ainda mais o ensino de arte. Prova concreta disso, são as modificações realizadas ao Art 26, onde estabeleceu-se recentemente duas importantíssimas alterações: a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena e a obrigatoriedade do ensino de música dentro da disciplina de arte.

Esta última foi sem dúvidas, base indispensável para a realização desta pesquisa, que buscou compreender o que esperam os alunos do ensino de música na escola. Tive a oportunidade de perceber que os alunos desejam aprender inúmeras coisas sobre o assunto: conhecer a história da música, criar instrumentos alternativos, produzir letras de música, aprender a tocar instrumentos tradicionais na escola, ouvir os tipos de músicas que gostam e já conhecem, conhecer melhor os estilos musicais, identificar e produzir sons, aprender a cantar, usar música para descontração, conhecer instrumentos. Estas coisas unidas à ideias alternativas, podem ser base de conhecimento para todos.

Compreendi também, que nem sempre os alunos podem aceitar tudo que lhes é proposto, mas que quando o professor tem consciência do que faz, consegue levar aos alunos a importância de determinada atividade, possibilitando-os então, o contato com novos conteúdos, novas ideias. Mais gratificante ainda, é quando os alunos percebem a importância disso para que enriqueçam culturalmente.

Cheguei à conclusão, que o uso das múltiplas linguagens na escola,

entre elas a música, é sempre responsável pela apropriação de novos saberes, novas experiências. E cada vez me identifico mais com a fala de Fernanda Abreu quando a mesma diz que a intenção do ensino de música na escola não é formar músicos, e sim ser ferramenta de cidadania, inclusão social e cultural. A esta fala acrescento: minha intenção enquanto arte-educadora apaixonada pelo que faço: não é formar artistas – músicos, pintores, escultores, atores – mas possibilitar a formação e transformação do olhar de meus alunos na direção dessa linguagem incrível intitulada “arte”.

## 8 REFERÊNCIAS

ABREU, Fernanda. **Música nas escolas é ferramenta de inclusão cultural e de cidadania, dizem especialistas.** O Globo Online. Junho/2008. Disponível em:[http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2008/06/27/ensino\\_de\\_musica\\_nas\\_escolas\\_ferramenta\\_de\\_inclusao\\_cultural\\_de\\_cidadania\\_dizem\\_especialistas-546997671.asp](http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2008/06/27/ensino_de_musica_nas_escolas_ferramenta_de_inclusao_cultural_de_cidadania_dizem_especialistas-546997671.asp)> Acesso em 27 de novembro de 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte.** Anos Oitenta e Novos Tempos. São Paulo, Perspectiva S.A: 1999.

\_\_\_\_\_. (org). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte.** 2ª Ed. São Paulo, Cortez: 2003.

BARROS, Jussara. Disponível em <http://www.brasilecola.com/educacao/periodo-de-transformacoes.htm>> Acesso em 19 de outubro de 2011.

BAUMER, Édina Regina. **O ensino da arte na educação básica: as proposições da LDB 9.394/96.** 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEE, 1998.

BRASIL – **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LEI N<sup>o</sup>. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em Construção: Uma Experiência de Ensino e Aprendizagem da Arte na Escola.** 3ª Ed. São Paulo, Cortez: 2003.

COLI, Jorge. **O que é Arte?** 15ª Ed. São Paulo, Brasilense: 1995.

CORRÊA, Ayrton Dutra. (org). **Ensino de artes múltiplos olhares**. Ijuí, Unijuí: 2004.

DALLANHOL, Kátia Maria B.; GUERINI, Maris Besen. **Música na Escola**. In: Série Caderno de Arte-Educação. Florianópolis: DAC-UFSC, 1994.

DIEHL, Artur Antonio. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

ESPADA, José Pedro. **Técnicas de Grupo: Recursos Práticos Para a Educação**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes: 2007.

FERRAZ, M. H; FUSARI, M. F. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo. Cortez, 1999.

FERREIRA, Martins. **Como usar música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. 31ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FORTE, Cristiano Canabarro. **Diferentes olhares e concepções sobre a forma de abordagem da educação musical na formação dos acadêmicos de pedagogia da UNESCO**. 2009. 48 f. TCC (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

GORDON, E. Edwin. **Teoria de Aprendizagem Musical: Competências, conteúdos e padrões**. Lisboa, Colouste Gulbenkian: 2000.

GOLDEMBERG, Ricardo. **Educação Musical: A Experiência do Canto Orfeônico no Brasil**. Agenda do Samba e Choro. Setembro/ 2002. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/debates/1033405862> > Acesso em 28 de abril de 2011.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. 2ª Ed. São Paulo, Scipione: 1997.

JÚNIOR, João Bezerra da Silva. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/14770/1/O-Ensino-de-Arte-no-Brasil/pagina1.html>> Acesso em 10 de agosto de 2011.

**LEI 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm)> Acesso em 30 de maio de 2011.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte**. Campinas, Papirus: 2008.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O Ensino de Música na Escola Fundamental**. 7ª Ed. Campinas, Papirus: 2003.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: Textos e contextos**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, J. Jota de. **O que é música**. São Paulo, Brasiliense: 1986.

PESSI, Maria C. A. dos Santos. **Aos professores de arte: o que fundamenta nossas ações?** In: Série Caderno de Arte-Educação. Florianópolis: DAC-UFSC, 1994.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte (org.) **Linguagens da Arte na Infância**. Joinville, Univille: 2007.

**PL 330/2006.** Disponível em: [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=79635](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79635)> Acesso em 30 de outubro de 2011.

**PL 2.732/2008.** Disponível em: [www.camara.gov.br/sileg/integras/536166](http://www.camara.gov.br/sileg/integras/536166)> Acesso em 30 de outubro de 2011.

Portal de Educação Musical do Colégio Pedro II. Disponível em [www.portaledumusicalcp2.mus.br](http://www.portaledumusicalcp2.mus.br).> Acesso em 26 de julho de 2011.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira J. **A Música Compõe o Homem, O Homem Compõe a Música**. São Paulo, Cultrix: 2000.

READ, Herbert. **O Sentido da Arte**: Esboço da História da Arte, Principalmente da Pintura e da Escultura, e das Bases dos Julgamentos Estéticos. 6ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

**RESOLUÇÃO Nº 075 DE 07 DE DEZEMBRO DE 2010**. Disponível em: [http://www.cee.sc.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=37&order=date&dir=DESC](http://www.cee.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=37&order=date&dir=DESC)> Acesso em 10 setembro de 2011.

ROSA, Nereide Schilaro Santa; SCALÉA, Neusa Schilaro. **Arte-Educação Para Professores**: Teorias e práticas na visitação escolar. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006.

SANTOS, Silvania. Disponível em <http://aeducadora.blogspot.com/2011/01/leida-musica-nas-escolas.html>> Acesso em 11 de agosto de 2011.

SILVA, Angela Carrancho da. (org). **Escola Com Arte**: Multicaminhos para a transformação. Mediação, Porto Alegre: 2006.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo, Cortez: 1992.

STEFANI, Gino. Tradução: FIGUEIREDO, Maria Jorge Vilar de. **Compreender a Música**. São Paulo, Presença: 1987.

STRASBURGER, Victor C. Trad. Dayse Batista. **Os Adolescentes e a Mídia**: Impacto Psicológico. Porto Alegre, Artes Médicas Sul: 1999.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte**: Um Paralelo entre Arte e Ciência. 3ªed. Campinas: Autores Associados, 2006.

## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E  
EDUCAÇÃO  
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CONVITE**

Eu, **ALINE RICARDO SOUZA**, acadêmico(a) da oitava fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Unesc, venho por meio deste, convidar seu filho(a) para participar da pesquisa de campo, integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Inserção da Música no Cotidiano Escolar Dentro da Disciplina de Arte: Um Novo Conceito Sobre o Ensino de Arte.

Os participantes, nesta pesquisa, serão os alunos das turmas de 8<sup>as</sup> séries da EEBM. Vicente Guollo, os quais terão a oportunidade de inserir-se ou não no estudo. Em caso afirmativo você estará autorizando a análise e a divulgação dos dados coletados, que serão apresentados em forma de pseudônimos, se esse for o seu desejo.

De qualquer forma, agradeço sua colaboração em participar da pesquisa que se constitui em produção acadêmica de conhecimento e pretende contribuir para o fortalecimento da educação.

---

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
autorizo a acadêmica **Aline Ricardo Souza**, a analisar e divulgar os dados coletados na pesquisa de campo, por meio da participação de meu filho(a) \_\_\_\_\_, utilizando pseudônimos ou similares. Esses dados contribuirão para a realização do seu TCC.

---

Assinatura dos pais/responsáveis



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E  
EDUCAÇÃO  
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**QUESTIONÁRIO INICIAL**

*a) Você conhece ou já ouviu falar sobre a Lei 11.769, que dispõe a obrigatoriedade do ensino de música como conteúdo de arte? Justifique.*

---

---

---

---

---

---

---

---

*b) De que forma e o que você espera aprender sobre música?*

---

---

---

---

---

---

---

---



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E  
EDUCAÇÃO  
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNO: \_\_\_\_\_

SÉRIE: \_\_\_\_\_

TURNO: \_\_\_\_\_

### QUESTIONÁRIO 02

*Depois de alguns encontros falando sobre música e como estudá-la, de que forma e o que você espera aprender sobre essa linguagem da arte?*

- ( ) Conhecendo a história da música
- ( ) Criando instrumentos alternativos
- ( ) Produzindo letras de música
- ( ) Aprendendo a tocar instrumentos tradicionais na escola
- ( ) Ouvindo apenas os tipos de música que gosto e já conheço
- ( ) Conhecendo melhor os estilos musicais
- ( ) Identificando e produzindo sons
- ( ) Aprendendo a cantar
- ( ) Usando música apenas para descontração
- ( ) Conhecendo instrumentos
- ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_

**“Nenhuma outra arte abre e penetra  
tão facilmente nossa sensibilidade.”  
(QUEIROZ, 2000)**

**PPT apresentado aos alunos:**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**ARTES VISUAIS LICENCIATURA – 8ª FASE**

**ALINE RICARDO SOUZA**



**A INSERÇÃO DA MÚSICA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM NOVO  
CONCEITO SOBRE O ENSINO DA ARTE.**

**ORIENTADORA: ÉDINA REGINA BAUMER**



**CRICIÚMA, SETEMBRO DE 2011.**

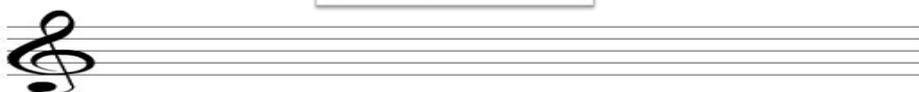
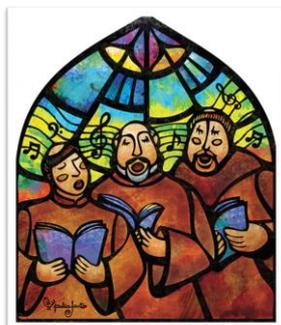


- Presença da música desde os primórdios da civilização;
- Uso de ossos, pedras e o próprio corpo para produzir e/ou imitar sons;





- Canto Gregoriano: Cantos em forma de orações.
- Homenagem ao papa Gregório Magno (540-604);



- Evolução dos instrumentos musicais<sup>1</sup> (século XVI, XVII, XVIII):



Oboé



Flauta Transversal



Violoncello



Fagote





- Evolução dos instrumentos musicais<sup>2</sup> (século XIX, XX):



Trompete



Guitarra



Baixo



Microfone



- Inserção da música no currículo escolar por meio do Canto Orfeônico.





• Lei 11.769: Obrigatoriedade da música na escola;

• Alteração da LDB 9394/96:

**Art. 26**

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.



## Questionário Inicial<sup>2</sup>

Quantidade de alunos que já haviam ouvido falar da lei:

De **41** alunos pesquisados... **02** já ouviram falar!



## Questionário Inicial<sup>2</sup>



Como e o que gostariam de aprender sobre música:

De **41** alunos pesquisados... **22** querem aprender a cantar e /ou tocar algum instrumento!



## Experiência Para a Próxima Aula





**1º. Estilo Musical Preferido;**

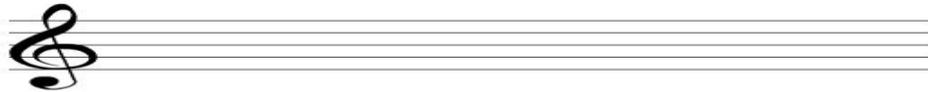


**2º. Divisão de Grupos Por Estilo Musical;**





### 3º. Pesquisa e Apresentação para todo o grupo;



### O que pesquisar?

- Características de cada estilo;
- Informações relevantes;
- Principais bandas ou cantores.





“Muito mais do que formar músicos ou especialistas na área, a educação musical nas escolas, é uma ferramenta de cidadania, de inclusão social e cultural”.

Fernanda Abreu, 2010



**ANEXO**



**Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008.**

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º:

“Art. 26. ....

.....

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (NR)

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º e 2º desta Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 18 de agosto de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA